

**LISPECTOR, CLARICE. *CORREIO FEMININO*. NUNES,
MARIA APARECIDA (ORG.). RIO DE JANEIRO: ROCCO, 2006.**

Julliany Mucury

Mestranda em Literatura Brasileira pela
Universidade de Brasília
jullianymucury@gmail.com

Na manhã seguinte dezenas de baratas duras enfeitarão como estátuas a vossa
cozinha, madame.

Ilka Soares/Clarice Lispector
Diário da noite, 16-8-1960

Na década de 50 as leitoras de tablóides e jornais cariocas liam Clarice Lispector sem ter a menor
idéia de que o estavam fazendo. Isso ocorreu porque a escritora, marco literário indubitável, consi-
derada hermética e de difícil acesso por muitos em algumas obras, escrevia sob pseudônimos e como
ghost writer para colunas femininas nada ameaçadoras.

De maio a setembro de 1952, enquanto aguardava no Rio de Janeiro a convocação do marido para
servir a diplomacia brasileira em Washington, Clarice escreveu, sob o pseudônimo de Tereza Qua-
dros, a coluna “Entre Mulheres”, do *Comício*, a convite de Rubem Braga.

Entre agosto de 1959 e fevereiro de 1961, protegida pelo nome de Helen Palmer, escreveu uma
coluna para o segundo caderno do *Correio da Manhã*, nas quartas e sextas-feiras, com 128 edições, ao
cabo da participação, para seu currículo como escritora anônima em jornais da época.

Ainda a convite, desta vez de Alberto Dines, Clarice atuou como *ghost writer* para Ilka Soares, da
coluna “Só para mulheres”, no *Diário da Noite*, com seis artigos por semana, publicados entre 1960 e
1961, chegando à marca de 291 colunas publicadas.

Foram quase 450 colunas. Grande acervo, do qual foram retirados alguns representativos “textos-
conselho” produzidos por Lispector. A autora escrevia no começo por detrás da máscara de Tereza

porque não queria que a exposição comprometesse a carreira do marido. Depois, tomou Helen Palmer como esconderijo, e sua coluna era mais contida por conta de a patrocinadora (Pond's), buscar uma autora que apenas induzisse as mulheres ao consumo de seus produtos de beleza.

Seu trabalho para Ilka foi uma grande ajuda financeira. Clarice estava divorciada e precisava suprir a manutenção da casa, com seus dois filhos pequenos. O papel de *ghost writer* serviu-lhe como uma luva, pelo seu próprio caráter, que exige discrição e silêncio absolutos. Ela não comprometia sua produção literária e a propriedade intelectual da coluna recaía sobre sua vizinha no Leme, Ilka Soares, de quem se tornou amiga e até heterônimo, conforme descrito no depoimento de Alberto Dines, logo no início do livro *Correio feminino*.

Aparecida Maria Nunes é a organizadora dessa publicação, que resolve trazer à tona uma produção de Clarice Lispector pouco louvada pelos estudiosos: as colunas de jornais diversos voltadas para o público feminino. Essa iniciativa permite que o público leitor da grande dama de nossa literatura possa ver um lado nada hermético ou excludente de seu gênio. É a mulher que fala para suas iguais. O tom é ameno e as frivolidades do dia-a-dia daquele período são abordadas com ares de grandes lições. De fato as leitoras de Tereza Quadros, Helen Palmer e Ilka Soares tinham a oportunidade de formarem-se mulheres ideais, tuteladas por uma insuspeita Clarice.

A obra é dividida em cinco sessões, que harmonizam o conjunto das idéias clariceanas que chegaram à imprensa de forma muito diversa daquela conhecida pelos leitores de Clarice em seus livros. Esteticamente, ainda revela como eram as colunas, com imagens que remetem à seriedade com que a autora compunha suas participações, as quais eram enviadas ao redator já datilografadas, com fotos e desenhos aproveitados de revistas doadas por uma senhora alemã chamada Lothe, tal como deveriam aparecer nos jornais.

A primeira seção, *Um retrato de mulher*, conta com 37 escritos, que compõem um verdadeiro manual do “ser mulher” naquele período, com dicas sobre moda, beleza, elegância, leitura e, inclusive, sobre como “fumar bem”. Essas mulheres eram o retrato perfeito da dona de casa exemplar, tudo deveria sempre estar de acordo com o reiterado pela sociedade e suas normas comportamentais. Trata-se de mães e donas de casa felizes, sempre muito bem vestidas e dispostas, ou que, pelo menos, contavam com as colunas para aprenderem a sê-lo:

O melhor é não fumar, tanto para homens como para mulheres. Mas se você fuma, fume bem, fume com jeito feminino. Fume sem afetação (afetação não é elegância, é tolice). Não bata a cinza do cigarro com a ponta da unha (é feio mesmo). Não fale com o cigarro entre os lábios (isso é bom para estivadores e, mesmo assim, para estivadores masculinos; mesmo sendo estivadora, você não deve). Xícara e pires não são

cinzeiros, sobretudo quando a fumante é mulher (rudeza é mais tolerável em homens). (“Pelo menos fume bem”. In: CF¹, 2006, p. 39).

Na segunda parte, *Saber viver nos dias que correm*, há 42 textos com dicas que passam a ter um caráter mais “filosófico”, Clarice aconselha suas leitoras a respeito do trato com a empregada, ensinando-as a descansar, limpar a casa e permanecer bonitas, ter amigas, saber lidar com as preocupações e, talvez em um momento epifânico, com conselhos do tipo “A cartomante não muda o futuro” (prelúdio de Macabéa?): “Mas também nisso a cartomante não resolve. É pena, você mesma terá que tomar conta do assunto. Com minha ajuda, se quiser” (“A cartomante não muda o futuro”. In: CF, 2006, p. 43).

A próxima “leva” de idéias continua essa linha instrutiva de Clarice. Com *Retoques no destino*, a colunista é representada por meio de 30 textos que moldam o comportamento feminino, indicando às mulheres como proceder em relação às brigas e ao dinheiro, assim como, preparando-as para um pretendente, de maneira que elas estivessem preparadas para as mais diversas situações, antes e após o casamento:

“Tanto se fala em moças que não escolhem bastante o companheiro de vida e que, por isso, falham no casamento – que a gente até esquece as que escolhem demais e ficam sem companheiro. Quem sabe se você, sem mesmo ter consciência disso, continua à espera do príncipe encantado. E, quem sabe, você faz uma idéia vaguíssima de que é príncipe encantado, e não encontra em nenhum homem os sinais de um homem que você sonhou quando tinha quinze anos. Se é este o seu caso, não é chegada a hora de viver na realidade?” (“Não é só o príncipe encantado”. In: CF, 2006, p. 82).

Na penúltima coleção de excertos, *Aulas de Sedução*, Clarice preparou um verdadeiro *modus operandi* para suas leitoras. São 45 produções preocupadas tanto com o bem estar físico quanto com o molde do intelecto feminino para que houvesse a conjunção perfeita de elementos na arte da conquista. Essa reunião revela uma Clarice preocupada em orientar suas pupilas desde o significado de “sex-appeal” até perfumes, frascos, feiúra, vitaminas, cabelos, mãos... Um infinito de possibilidades para que o cenário ideal de existência fosse repleto de opções: “O que usar então? Um perfume bom mas que não ‘domina’. Alguma coisa que de vez em quando ‘vem’, de vez em quando ‘some’. Talvez o

¹ Abreviatura aqui usada para mencionar a obra em questão.

mesmo perfume, penetrante ou doce, sirva muito bem: depende da quantidade aplicada.” (“Perfume e veneno”. In: CF, 2006, p. 98).

Os 25 últimos textos lembram um compêndio a respeito de assuntos gerais úteis para mulheres bem instruídas, têm um caráter que anuncia o dom da autora para crônicas. Nesta seção, a organizadora revela uma colunista que detém conhecimentos diversos, mais uma vez as mulheres estariam amparadas por infindáveis informações, desta vez, voltadas para o moral, a mesa e indumentárias ditas chiques:

“Há pessoas práticas e previdentes que costumam ter uma espécie de lar em conserva; num canto de armário, ao lado de outras coisas enlatadas e que é, com estas, servidas às visitas inesperadas. Mas a gente percebe logo a diferença daquele outro que tem, como o palmito fresco, o sabor de substância simples e natural. Parece que ficou estabelecido, nos princípios da criação, que o homem faria a casa, para dar um lar à mulher. E que a mulher construiria o lar, para dar casa e lar ao homem. Sim, porque o homem tinha de levar vantagem, não podia ser por menos. Pois então é isso: casa é arquitetura de homem e lar, essa coisa simples e complexa, evidente e misteriosa, que depende de tudo e não depende de nada, essa coisa sutil, fluídica, envolvente é simplesmente engenharia de mulher.” (“Lar, engenharia de mulher”. In: CF, 2006, p. 123).

Ainda dentre esses últimos escolhidos, há crônicas e contos inéditos de Clarice, publicados pela revista *Mais*, na década de 1970. Esse salto temporal indica também traços de uma escritora que, aos mais atentos e estudiosos de sua obra, revela-se totalmente Lispector, mesmo que ainda sem a assunção completa da autoria:

“Falei de carência. Pior que carência é o súbito cansaço de tudo. É uma espécie de fartura, parece que já se teve tudo e que não se quer mais nada. Cansaço, por exemplo, dos Beatles. E cansaço também daqueles que não são os Beatles. Cansaço inclusive de minha liberdade íntima que foi tão duramente conquistada. Cansaço de amar um homem e de repente ver que ele não merecia esse amor: ele era grosseiro, arrogante e covarde. Melhor seria o ódio.” (“Me dá licença, minha senhora”. In: CF, 2006, p. 145).

Correio Feminino é um livro generoso, pois reúne diferentes Clarices. A empreitada de Nunes edificou-se no espírito de revelar ao público centenas de textos que foram introduzidos no mundo jornalístico por Clarice Lispector e que configuram um registro raro da história da construção do ideário feminino no Brasil. Além dessa obra, é imprescindível a leitura de *Clarice Lispector jornalista*:

*páginas femininas e outras páginas*², em que Aparecida Nunes reuniu, com engajamento louvável, a memória das publicações clariceanas, a partir das fontes convencionais de pesquisa e com o apoio de diversos intelectuais que conviveram com a autora e ofereceram desde depoimentos até o acesso a seus arquivos pessoais.

Nesta segunda obra, Nunes perfaz a trajetória do jornalismo brasileiro antes de adentrar nas páginas femininas, analisando-as. Esse percurso permite o claro entendimento dos textos expostos no *Correio Feminino*, portanto, são livros complementares, um teórico e outro exemplificativo, que esclarecem sobremaneira o modo de ler e entender a produção jornalística de Clarice, visão esta endossada por um elogioso Benedito Nunes³:

Este trabalho de Aparecida Maria Nunes é mais do que uma lúcida e completa descrição da carreira jornalística de Clarice Lispector. Mostra-nos o quanto, para essa escritora, o exercício do jornalismo, quer escrevendo páginas femininas, noticiando modas e receitas de cozinha ou de feminilidade, quer publicando contos ou crônicas, sob pseudônimo ou nome de outrem (...), contribuiu para firmar-lhe o estilo e a personalidade.

Foi sem dúvida um exercício de genialidade para Clarice Lispector reter todas as angústias que expunha desde os 18 anos com sua obra-marco, *Perto do Coração Selvagem*, para aproximar-se de suas leitoras, partilhando conselhos triviais e de formação de uma mulher à qual ela mesma tantas vezes quis abalar com suas personagens. Ler o que foi levantado por Nunes é abrir-se para mais uma faceta de Clarice (cronista, contista, tradutora, repórter, entrevistadora e colunista), e entrar de cabeça no espírito dos anos 50 e 60. É desarmar a mulher do século XXI de suas conquistas e revisitar um tempo e escritos hoje históricos, que retratam com fidelidade um período e uma colunista por vezes subestimados.

² NUNES, Maria Aparecida. *Clarice Lispector jornalista: páginas femininas e outras páginas*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

³ Comentário constante da orelha do livro citado.